Convivência Democrática
Relações
étnico-raciais
e de gênero

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação
Fernando Haddad

Secretário Especial de Direitos Humanos
Paulo de Tarso Vannuchi

Ministério da Educação
Secretaria de Educação Básica

Programa Ética e Cidadania
construindo valores na escola e na sociedade

Relações étnico-raciais e de gênero

Módulo 2
Convivência Democrática

Programa de Desenvolvimento
Profissional Continuado

Brasília
2007

Secretária de Educação Básica - SEB/MEC
Maria do Pilar Lacerda Almeida e Silva

Presidente do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE/MEC
Daniel da Silva Balaban

Diretora de Políticas de Ensino Médio - DPEM/SEB/MEC
Lucia Helena Lodi

Coordenação do Projeto
Lucia Helena Lodi

Equipe Técnica - DPEM/SEB/MEC
Maria Marismene Gonzaga

Organização
FAFE – Fundação de Apoio à Faculdade de Educação (USP)

Consultores
Ulisses F. Araújo e Valéria Amorim Arantes

Equipe de elaboração
Ulisses F. Araújo,Valéria Amorim Arantes, Ana Maria Klein e Eliane Cândida Pereira

Revisão
Maria Helena Pereira Dias, Ana Lucia Santos (preparação)

Coordenação de Arte
Ricardo Postacchini

Diagramação
Camila Fiorenza Crispino

Tiragem 40 mil exemplares

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA
Esplanada dos Ministérios, Bloco L, sala 500
CEP: 70.047-900 - Brasília - DF
Tel. (61) 2104-8177/2104-8010
http://www.mec.gov.br

Dados Internacionais de Catalagoção na Publicação (CIP)

Programa Ética e Cidadania : construindo valores na escola e na sociedade : relações étnico-raciais e de gênero / organização FAFE – Fundação de Apoio à Faculdade de Educação (USP) , equipe de elaboração Ulisses F. Araújo... [et al.]. –Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.
4 v.

Programa de Desenvolvimento Profissional Continuado
Conteúdo: Relações étnico-raciais e de gênero – módulo 1: Ética – módulo 2: Convivência Democrática – módulo 3: Direitos Humanos – módulo 4: Inclusão Social
ISBN 978-85-98171-75-3

1. Ética. 2. Cidadania. 3. Direitos humanos. 4. Inclusão social. 5. Violência na escola. 6. Relações sociais na escola. 7. Igualdade de oportunidades. I. Fundação de Apoio à Faculdade de Educação. II. Araújo, Ulisses F. III. Brasil. Secretaria de Educação Básica.

CDU 37.014.53

Convivência Democrática

Módulo 2

Relações étnico-raciais e de gênero

Sumário

Convivência Democrática

Introdução

Relações étnico-raciais e de gênero

Considerando que o gênero é uma categoria social que influencia a maneira de as pessoas se relacionarem com o mundo e com os outros, acreditamos ser relevante estudar os mecanismos psicossociais que favorecem relações preconceituosas e discriminatórias entre homens e mulheres. Esse tipo de convivência envolve questões tanto sociais como individuais que demandam leitura obrigatória em, pelo menos, dois sentidos. Enquanto no plano social há uma transgressão de princípios básicos dos direitos humanos, do ponto de vista psicológico a questão comporta a elaboração de vínculos afetivos, dentro de uma estrutura relacional pautada pelo domínio da mulher pelo homem.

Uma das piores formas de manifestação de preconceitos e discriminação contra a mulher é a violência de gênero, presente em nossa cultura e naturalizada em suas múltiplas formas de manifestação. Podemos estar a seu lado sem vê-la, podemos negar sua existência, aceitá-la ou lutar contra ela. Daí a importância de projetos de intervenção social e educativa que dêem visibilidade a tal realidade e promovam a tomada de consciência das implicações éticas e sociais que esse tipo de violência traz para o convívio democrático.

Para atingir objetivos de mudanças nas relações entre homens e mulheres, deve-se assumir a premência de se incorporar, no currículo escolar, ações e projetos que permitam às pessoas identificar e atuar a favor de uma convivência não discriminatória. Na mesma direção, é necessário que sejam criados formas e instrumentos de intervenção psicológica, educativa e social que favoreçam uma contínua transformação das representações individuais de gênero, contribuindo para a superação das desigualdades entre homens e mulheres.

Da mesma forma, na construção de relações de convívio democrático que afastem as discriminações racistas, vale a pena recorrer às idéias de Kabengele Munanga[1]. Para ele, no grande

[1] In: BRASIL. *Diversidade na Educação*: reflexões e experiências. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2003.

desafio da educação como estratégia de luta contra o racismo, não basta empregarmos a lógica da razão científica que diz que biologicamente não existem raças superiores e inferiores, como não basta a moral cristã que diz que perante Deus somos todos iguais para que as cabeças de nossos alunos e nossas alunas possam, automaticamente, deixar de ser preconceituosas.

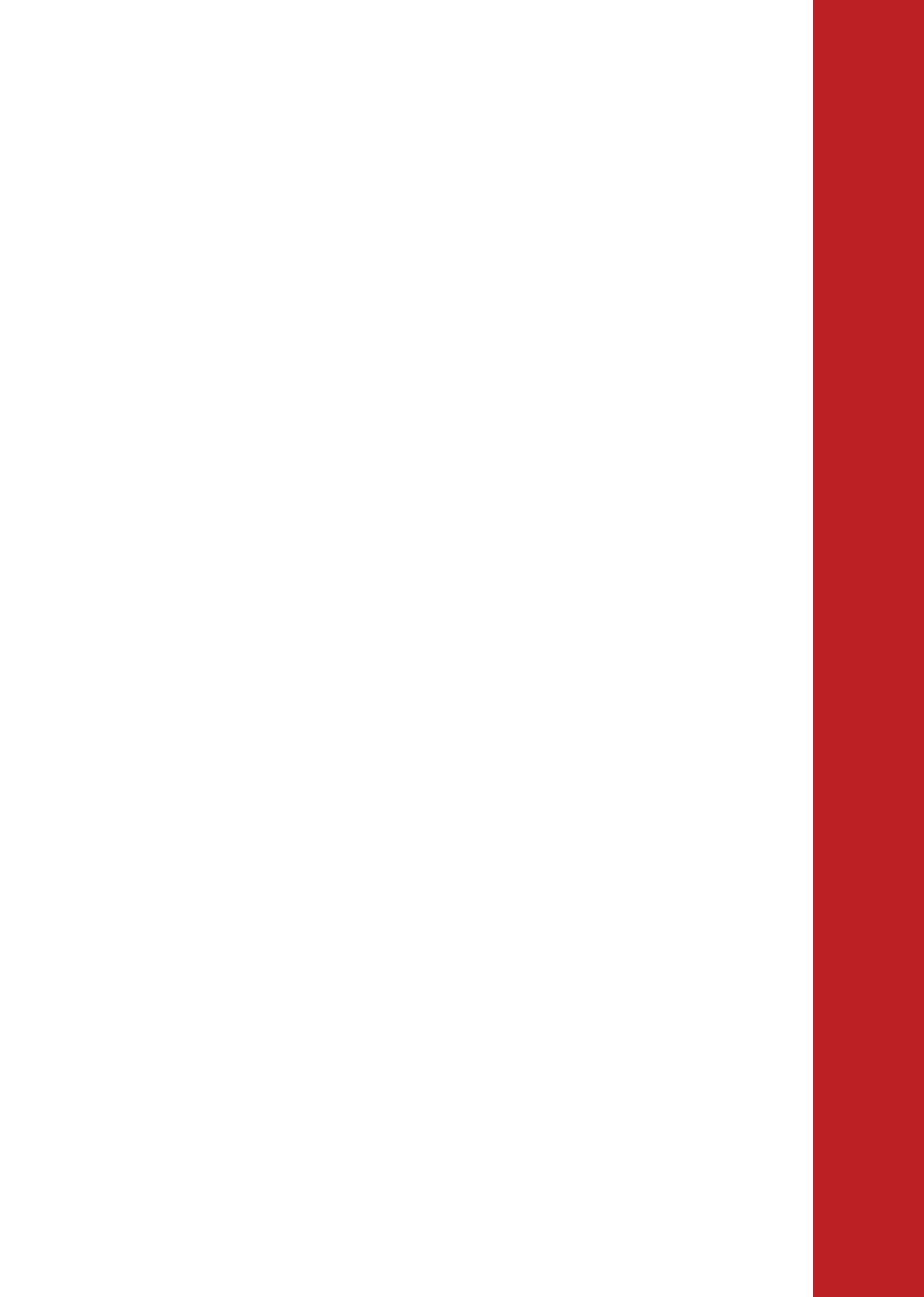
Como educadores, devemos saber que, apesar da lógica da razão ser importante nos processos formativos e informativos, ela não modifica por si o imaginário e as representações coletivas negativas que se têm do negro e do índio em nossa sociedade. Considerando que esse imaginário e que essas representações, em parte situados no inconsciente coletivo, possuem uma dimensão afetiva e emocional, dimensão onde brotam e são cultivadas as crenças, os estereótipos e os valores que codificam as atitudes, é preciso descobrir e inventar técnicas e linguagens capazes de superar os limites da pura razão e de tocar no imaginário e nas representações. Enfim, descobrir e inventar técnicas e linguagens capazes de deixar aflorar os preconceitos escondidos na estrutura profunda do nosso psiquismo, e trabalhar esses preconceitos de forma ética e democrática, no ambiente escolar.

A busca por essas técnicas e linguagens, que podem contribuir para a construção de relações de convívio democrático na escola e na sociedade, será pautada nos materiais propostos neste módulo sobre relações étnico-raciais e de gênero do *Programa Ética e Cidadania.*

Como material de apoio, o primeiro texto apresentado é um excerto do livro *Como se ensina a ser menina*, de Montserrat Moreno. Na seqüência, trazemos o curta-metragem *Vista a minha pele* que traz histórias sobre os papéis dos negros na sociedade brasileira. Como relatos de experiência, serão apresentadas quatro redações de estudantes do ensino médio, premiadas no *1º Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero*, do Ministério da Educação.

Convivência Democrática

Como se ensina a ser menina

Relações étnico-raciais e de gênero

A autora Montserrat Moreno traz, no texto que se segue, uma análise provocativa sobre o papel da escola no processo de transmissão de modelos segregacionistas, especialmente no que tange à discriminação da mulher. Explorando a dimensão inconsciente dos modelos de conduta que guiam o comportamento dos indivíduos (e que os tornam mais dificilmente modificáveis), a autora adverte que a imposição de uma medida legal ou de um decreto-lei não é suficiente para alterar tais padrões e/ou modelos de conduta. Estabelece, pois, uma discussão instigante e relevante para o desafio da erradicação da discriminação sexista, e coloca a escola como instituição privilegiada para superá-lo. O texto é finalizado com algumas implicações para a educação, sinalizando para ações a serem desenvolvidas no contexto escolar, na busca de uma educação efetivamente não-sexista. Uma educação que, como afirma Moreno, permita às meninas afirmar o feminino e ofereça aos meninos a possibilidade de serem eles mesmos.

Nesse sentido, acreditamos que o texto fornece elementos profícuos para revermos nossas “verdades” e, parafraseando a autora, ensinarmos aos nossos alunos e alunas a serem meninos e meninas.

MORENO, Montserrat. *Como se ensina a ser menina:* o sexismo na escola. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999. p 28-34 e 72-80.

O que acreditamos ser

Do mesmo modo que cada pessoa tem uma imagem da “realidade” profundamente influenciada pela ciência e pela ideologia de seu tempo, também tem uma imagem do que ela é, que foi se formando precisamente por meio dessas e de outras influências similares, que constituem o marco de referência de nosso eu.

Tudo o que fazemos, como nos comportamos, a forma de pensar, falar, sentir, fantasiar e até sonhar, sofre influência da imagem que temos de nós mesmos.

Essa imagem, nós não a fabricamos do nada, mas a construímos a partir dos modelos que a sociedade nos oferece. E é a sociedade e não a biologia ou os genes

quem determina como devemos ser e nos comportar, quais são nossas possibilidades e nossos limites. Vem daí a necessidade da educação. Se os seres humanos se comportassem unicamente a partir de seus impulsos biológicos, se as condutas consideradas masculinas e femininas fossem espontâneas, naturais e predeterminadas, não seria necessário educar tão cuidadosamente todos os aspectos diferenciais; bastaria deixar que a natureza atuasse por si mesma. Ao contrário, o indivíduo humano é capaz de uma gama variada de condutas que não estão determinadas no momento do nascimento. De todas as possíveis formas de atuação, cada sociedade elege algumas que constituem seu modelo e que vão-se formando e transmitindo ao longo de sua história, ficando rigidamente estabelecidas como normas ou modelos de conduta. Esses padrões ou modelos não são os mesmos para todos os indivíduos; existem uns para o sexo feminino e outros para o masculino, claramente diferenciados.

Os modelos de comportamento têm a particularidade de ser considerados em cada sociedade como universais e inerentes ao gênero humano; vem daí que não se hesite em ligá-los a um determinismo biológico ou, se o assunto se presta a isso, a um mandato divino. A antropologia mostra-nos uma grande variedade de explicações desse tipo. Assim, por exemplo, os massai consideram que têm o direito de se apoderar do gado das tribos vizinhas, porque Deus, depois de criar o gado, criou os massai e entregou-Ihes o gado. Esses, muito devotos dos mandatos divinos, praticam o roubo do gado sem o menor remorso. A mitologia ocidental considera a mulher uma propriedade do homem por ter sido ela criada a partir de uma de suas costelas, fazendo proceder também de um mandato divino uma norma de conduta eleita pelo homem.

Os modelos de conduta são as diretrizes que guiam o comportamento dos indivíduos, suas atitudes e sua maneira de julgar os fatos e os acontecimentos que os rodeiam. Determinam o que está bem ou o que está mal, o que se deve e o que não se deve fazer e como há de se reagir em cada momento determinado. Os modelos de conduta constituem o sucedâneo do pensamento inteligente, porque implicam a submissão da razão às normas dos costumes estabelecidos.

Os modelos de comportamento atuam como organizadores inconscientes da ação, e é essa característica de inconsciência que os torna mais dificilmente modificáveis. São transmitidos de geração a geração e século após século por meio da imitação de condutas e de atitudes que não chegam a ser explicitadas verbalmente ou por escrito, mas que são conhecidas por todos e compartilhadas por quase todos.

Os padrões e os modelos de conduta não podem ser modificados com a simples imposição de uma disposição ou de um decreto-lei. É necessária uma mudança mais profunda na mentalidade dos indivíduos, e o lugar privilegiado para introduzi-Ia é exatamente a escola. Para que isso seja possível, é necessário tomar consciência dos mecanismos inconscientes de transmissão do modelo que queremos modificar.

A discriminação da mulher começa muito cedo, no momento do nascimento ou mesmo antes. Quando meninas e meninos chegam à escola, já têm interiorizada a maioria dos padrões de conduta discriminatória. Mesmo que tenhamos escolas mistas e que meninas e meninos sentem-se ao redor das mesmas mesas, na hora do recreio os meninos jogam com os meninos e as meninas com as meninas. Nas brincadeiras livres é que se exercitam espontaneamente os modelos aprendidos de conduta, e é ai que aparece a fantasia com a qual cada indivíduo se identifica. Mas, curiosamente, é nesses momentos de "liberdade"

que cada indivíduo se encontra mais intensamente limitado pelas normas estabelecidas, como se tivesse "plena liberdade" para identificar-se com os arquétipos que estão destinados a ele em função de seu sexo, mas não para transgredi-los.

As meninas têm liberdade para ser cozinheiras, cabeleireiras, fadas madrinhas, mães que limpam seus filhos, enfermeiras, etc., e os meninos são livres para ser índios, ladrões de gado, bandidos, policiais, "super-homens", tigres ferozes ou qualquer outro elemento da fauna agressiva.

As manifestações espontâneas nas brincadeiras dos meninos costumam ser de caráter agressivo e no das meninas de caráter pacifico. Isso se deve a quê? Se meninos e meninas tendem a identificar-se com os modelos vigentes em nossa sociedade e isso se manifesta no jogo, se os jogos são tão diferentes, é necessário admitir que existem modelos diferentes para uns e para outros no que concerne a essa característica. Assim, esses modelos podem obedecer a padrões de conduta do tipo genético, ligados à biologia e totalmente independentes do social; podem, por outro lado, depender unicamente de um determinado tipo de organização social ou participar de ambos os componentes.

As atitudes e as características de temperamento consideradas inatas e independentes de fatores culturais e educativos aparecem na mais tenra idade e, nos sujeitos "normais", só aumentam com a idade se o meio as incentivar e favorecer; caso contrário, são reprimidas pelo indivíduo e passam por um processo recessivo, sendo, na maioria dos casos, eliminadas, modificadas ou reduzidas ao estado latente. Tal é ocaso, por exemplo, da tendência que têm todas as crianças pequenas de apoderar-se do que gostam, sem se preocupar com a questão de a quem pertence, ou dos impulsos sexuais que aparecem na criança pequena e que, ao serem reprimidos em nossa sociedade, permanecem não-explícitos no período da infância que os psicanalistas denominam "de latência" e reaparecem de maneira manifesta na adolescência, momento em que gozam da compreensão e de aprovação social.

Quando uma característica de temperamento, ao contrário de diminuir com o tempo e com a pressão educativa, aumenta com a idade, temos de pensar que, longe de ter sido reprimida socialmente, ela foi estimulada ou pelo menos tolerada sem que se tenha colocado em ação algum mecanismo eficaz de controle dessa característica. Isto é exatamente o que ocorre com a agressividade dos meninos.

Nos primeiros meses de vida é impossível detectar um nível de agressividade maior nos meninos que nas meninas, mas, à medida que crescem, a diferença vai-se acentuando. Devemos, pois, concluir que a agressividade é uma das características do modelo que se apresenta aos meninos e que tal característica não figura no que é apresentado às meninas.

Nenhum livro de texto, nenhuma história em quadrinhos, nenhum programa de televisão, nenhum filme diz abertamente ao menino que ele deve ser agressivo, mas não acreditamos que não tenham nenhuma influência sobre sua conduta agressiva. Cada um deles, de diferentes maneiras, está estimulando a agressividade no menino e reprimindo-a na menina não de forma explícita e declarada, mas com a hipocrisia cúmplice de quem incita a fazer algo de que não quer ser acusado.

Certos psicólogos asseguram que os filmes e seriados agressivos cumprem uma função benéfica para o menino, pois ajudam-no a liberar, por meio da fantasia, seus impulsos

agressivos inatos. Se assim fosse, deveria ser também benéfico apresentar na tela tudo aquilo que se deseja reprimir, começando por incesto, todo tipo de relações sexuais, heróis desobedecendo a seus pais e professores, etc., etc. Mas curiosamente esses modelos não são apresentados aos meninos, porque no fundo, não nos enganemos, todos nós sabemos muito bem o que se reprime e o que se incita e a quem isso se dirige. As palavras que escondem idéias implícitas atuam como estimulantes ou repressoras de uma eficácia muito superior à dos discursos claramente formulados.

As formas de comportamento escolhidas por nossa sociedade e transmitidas aos jovens, por meio da educação, são o reflexo da ideologia que as domina, têm muito pouco de universais e de inerentes ao ser humano e são, portanto, modificáveis.
A escola não é a única responsável pela transmissão de modelos segregacionistas, mas tem um papel importante nessa transmissão. No momento de ensinar Línguas, História, Matemática, Ciências, etc., a escola parece ter um papel neutro em relação à discriminação da mulher, porque trata-se de matérias "cientificas" e, portanto, aparentemente distanciadas de preconceitos ideológicos.

[...]

Libertar os modelos

É freqüente encontrar professoras e professores sinceramente convencidos de que erradicaram o sexismo de suas aulas porque "tratam igualmente" as meninas e os meninos. Procuram não fazer nenhuma diferença entre seus alunos e respeitam suas atuações espontâneas, sua liberdade, sua maneira de ser e de pensar. Se não nos aprofundarmos mais, essa postura pode parecer muito eqüitativa e justa. Mas vejamos se realmente o é e se conduz à erradicação do sexismo.

Transportemos o problema para outro campo, menos impregnado de preconceitos. Imaginemos por um momento que esses professores e professoras mantiveram essa mesma atitude no terreno intelectual. Que, guiados por um não-intervencionismo puro, decidiram não influenciar na maneira de pensar de seus alunos e alunas em Matemática, em Física, em Língua e nas demais disciplinas escolares. Que concordaram, por exemplo, em respeitar a idéia de que a terra é plana, de que se obtém a velocidade multiplicando o tempo pelo espaço ou de que Atenas é a capital da Turquia e, ao fazer isso, pretenderam ter erradicado a ignorância de seus alunos e alunas.

Essa postura, tanto em um caso como no outro, só seria correta se a ciência fosse limitada e o caráter dos indivíduos, pré-formado desde o nascimento, não sofresse nenhuma modificação por influências externas, isto é, se a escola fosse total e absolutamente desnecessária.

Mas meninas e meninos chegam à escola marcados por uma série de elementos externos que os levam a criar para si mesmos uma imagem particular do mundo, influenciados pela sociedade androcêntrica que os rodeia. A escola não pode, de maneira nenhuma, deixar que meninas e meninos fiquem, em relação ao funcionamento de sua sociedade, com algumas idéias tão pouco evoluídas, como tão pouco deixará que interpretem os fenômenos da mecânica de acordo com a teoria do "impetus", por mais que essa seja a forma de pensar da imensa maioria dos adultos de sua sociedade[1].

Não intervir equivale a apoiar o modelo existente. Se acreditamos que deixando que meninas e meninos façam "o que querem" estamos deixando-os em liberdade, equivocamo-

nos, porque tenderão a reproduzir os esquemas e modelos de seu meio, ou seja, estarão à mercê do ambiente. A liberdade não nos é dada gratuitamente; é preciso aprender a construí-la e, para isso, é necessário dispor de muitas possibilidades e saber escolher entre todas elas. Se existe somente um modelo, só temos duas possibilidades: aceitá-lo ou recusá-lo; se os modelos aumentam em número, aumentará proporcionalmente nosso grau de liberdade.

A escola pode contribuir para esse trabalho, analisando conjuntamente com as alunas e os alunos os papéis que a sociedade atribui a cada sexo (estudando os modelos que a televisão e as histórias em quadrinhos apresentam, realizando pesquisas, etc) e ajudando-os a descobrir o que de bom e de mau tem cada um, mas, sobretudo, a limitação imposta a cada pessoa ao ter de se submeter aos estereótipos que a sociedade, gratuitamente, impõe a seu gênero. Essa análise levará a descobrir a existência de inúmeros esquemas de conduta atribuídos a cada sexo, que não têm relação com capacidades inatas nem formas espontâneas de comportamento, e sim com a reprodução dos modelos existentes. A sensibilidade, a ternura, a atenção às relações interpessoais não têm por que ser patrimônio exclusivamente feminino. Também os meninos e os adolescentes têm direito a expressar seus sentimentos, a não ter de reprimi-los continuamente para que não se ponha em dúvida sua virilidade. À medida que o leque possível de condutas aumenta, a personalidade de cada um se enriquece com novas contribuições, e se aprenderá com isso que há muitas formas de ser mulher, assim como há muitas formas de ser homem.

Novos olhos para ensinar

Se a escola continua usando livros sexistas, dificilmente poderá erradicar o sexismo dentro dela.

Convém promover a publicação de livros não-androcêntricos, incentivando as mulheres que escrevam, e pressionar para que se exerça um controle eficaz dos traços sexistas nos livros de texto. Da mesma forma que não se concede permissão para publicação de um livro de texto que contenha erros de grafia, que sustente idéias anticonstitucionais, que constitua uma ofensa para grupos ou pessoas, não devem ser tolerados textos que discriminem implícita ou explicitamente a mulher, nem livros de história que a ignorem, já que esse fato produz nas meninas um sentimento coletivo de inferioridade que as situa em considerável desvantagem diante do homem e as aproxima da idéia de que as ações das mulheres têm tão pouco valor, que não podem influenciar no desenvolvimento da história.

Sentada diante das lâminas de anatomia reproduzidas em um livro de Ciências, depois de contemplar várias gravuras nas quais apareciam unicamente corpos masculinos, uma menina de 6 anos perguntou a sua mãe: “Mamãe, as mulheres também têm músculos?” Nada nos desenhos fazia supor que existissem músculos femininos, e a leitura do texto tampouco dava alguma informação a esse respeito. A irmã da menina, dois anos mais velha do que ela, apressou-se em responder: “Claro que têm, as mulheres têm alguns músculos, mas não tanto quanto os homens”.

Os livros de texto são o reflexo de uma escola pensada exclusivamente para meninos, à qual pouco a pouco foram se incorporando as meninas, sem que ela sofresse modificação. É uma escola para ciclopes feita por ciclopes. Já não está na hora de os enterrarmos junto com a mitologia? O homem e a mulher de hoje necessitam de perspectivas amplas, de múltiplos pontos de vista; não podem ver-se limitados a uma só visão do mundo.

Co-educar não é pôr em uma mesma classe indivíduos de ambos os sexos, nem tampouco é unificar eliminando as diferenças mediante a apresentação de um único modelo. Não é uniformizar as mentes de meninas e meninos; ao contrário, é ensinar a respeitar o diferente e a desfrutar da riqueza que a variedade oferece.

Conseguir uma educação não-sexista é um problema que ultrapassa os limites da escola, já que concerne também à família e à sociedade inteira, mas, por meio da escola, pode se realizar um importante trabalho de transformação. O primeiro passo a ser dado é a conscientização do corpo docente a respeito da importância desse tema, com a realização de seminários, sessões de discussão e propostas de atividades. Em seguida, deve propiciar análises com as alunas e os alunos nas aulas, por meio de trabalhos realizados por eles, nos quais serão observados a imagem e o papel diferencial de homens e mulheres em nossa sociedade, por meio de pesquisas realizadas em mercados, na rua, etc. Também é necessário realizar um estudo crítico dos modelos feminino e masculino que proporcionam a televisão, as histórias em quadrinhos, as leituras infantis e juvenis e os próprios livros de texto. Uma aula de história realizada a partir da leitura de qualquer um dos temas que mencionamos pode ser um excelente impulso para o desenvolvimento do espírito crítico e para a análise anti-androcêntrica. A partir daqui, pode surgir da mesma aula, adequadamente estimulada, uma série de possibilidades.

Uma proposta alternativa para as aulas de alunos mais velhos pode ser a seguinte: que alunas e alunos escrevam eles mesmos a história, aquelas que os textos esqueceram de contar, partindo da busca de fontes históricas. Uma forma fácil de consegui-lo é mediante a coleta de dados verbais sobre a historia recente, realizando enquetes com adultos de diversas idades, os quais costumam ser solícitos em relação a esse tipo de pesquisa. Assim poderão construir a história imediata, não só a de heróis e batalhas, mas as da vida cotidiana, aquela que informa, muito melhor que as revoluções sobre a forma de viver, a economia, os costumes, o nível de desenvolvimento tecnológico, as idéias, a concepção do mundo e o lugar que nele ocupam as mulheres e os homens segundo seu nível social e que permitirá comprovar como alguns fatos podem ser narrados de maneira muito diferente pelas pessoas que os viveram.

A história mais remota poderá ser tratada a partir de visitas a monumentos e museus, da análise de documentos, obras de arte, instrumentos de trabalho, etc., com o que se pode reconstruir a vida cotidiana de cada época. As meninas e os meninos poderão descobrir que existiram mulheres em todas as épocas e, assim, terão elementos para criticar por si mesmos, sua ausência nos livros.

As guerras e as conquistas também devem, evidentemente, ser estudadas, mas incentivando as alunas e os alunos a imaginar outras formas possíveis e mais inteligentes de solucionar os conflitos históricos e levando-os a analisar as conseqüências e o custo humano que implicam. Convém incitá-los continuamente a raciocinar sobre a desproporção existente entre o motivo e a conseqüência das guerras e do uso da violência em geral. Pedir a eles que imaginem de que outras formas as mulheres poderiam ter solucionado os problemas, levá-los a exercitar diferentes pontos de vista sobre um mesmo fato e a aceitar que um acontecimento admite múltiplas interpretações.

O resultado concreto de tudo isso pode ser um livro alternativo, escrito por todos os membros da classe.

Os sonhos vão à escola

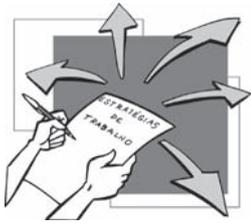
Em um belo livro dedicado ao estudo do pensamento e à obra de Darwin, Gruber escreve: "Nem todos os pensamentos são livres, somente os sonhos o são". Esta é uma frase que poderia sintetizar a idéia condutora de tudo o que se tentou expressar nas páginas precedentes. Se algo falta às mulheres, como grupo, são utopias. Todas as grandes realizações da humanidade têm sido em algum momento utopias e, para construí-las, foi necessário sonhar.

A escola é uma caricatura da sociedade. Por ela passam, como não passam por nenhum outro lugar, limitadas por diminutivos, todas as idéias que uma sociedade quer transmitir para conservar, tudo aquilo em que se acredita ou quer que se acredite. O ensino, nos níveis básicos, está nas mãos de mulheres. Até quando vamos repetir docilmente a lição que nos ditam?

É necessário fazer nosso o idioma não negar às meninas sua identidade sexolingüística, afirmar o feminino. Dar aos meninos o que a sociedade lhes nega: a possibilidade de serem eles mesmos, de não ter de esconder seus medos e fragilidades sob máscaras de fortaleza. Preparar tanto as meninas quanto os meninos para percorrer novos caminhos com seu pensamento para criticar e construir, para cozinhar e lavar pratos, para unificar o que foi fragmentado arbitrariamente.

Não se pode mudar a sociedade a partir da escola, mas podem-se lançar alternativas, desenhar novas possibilidades, ensinar a abrir caminhos e mostrar que nós, os seres humanos, podemos escolher.

Notas

[1] A teoria medieval do impetus, defendida por Buridan, caiu totalmente em desuso depois do século XVIII, com a formulação da mecânica newtoniana. No entanto, a grande maioria dos adultos de nossa sociedade continua dando explicações elaboradas espontaneamente e que se apóiam na noção de impulso.

Sugestões de estratégias de trabalho

O texto extraído do livro *Como se ensina a ser menina*, de Montserrat Moreno, pode ser trabalhado em dois momentos distintos, no âmbito do *Programa Ética e Cidadania*:

a) na reunião do Fórum;

b) nas salas de aula.

△ Na reunião do Fórum:

Antes de iniciar a discussão do texto, sugerimos que sejam distribuídos entre o(a)s participantes do Fórum uma lista de palavras para que eles as relacionem com o feminino, com o masculino ou com ambos. A seguir, apresentamos um exemplo de como a lista pode ser elaborada. Vale lembrar que imagens também podem ser usadas para o mesmo fim.

Exemplo:

Leia cuidadosamente as palavras abaixo e, relacionando-as como sendo "coisas" de menina, "coisas" de menino ou de ambos, marque um "x" na sua opção.

PALAVRAS	MENINA	MENINO	MENINA E MENINO
Indisciplina			
Obediência			
Sensibilidade			
Agilidade			
Responsabilidade			
Fracasso Escolar			
Amor			
Coragem			
Violência			
Cuidado			
Respeito			

Generosidade			
Persistência			
Conhecimento científico			
Inteligência			
Desinteresse /Desatenção			
Etc.			

Depois que todos(as), individualmente, responderem ao que foi solicitado, sugerimos que aqueles(as) que queiram explicitar suas respostas, o faça oralmente. É importante que, ao fazê-lo, explicitem também o porquê daquelas respostas. Trata-se de um momento importante, no qual o(a) coordenador(a) do Fórum ou qualquer outro membro deve chamar atenção para aqueles argumentos preconceituosos e sinalizar para aquelas situações do cotidiano escolar nas quais tais preconceitos parecem nos conduzir a situações de exclusões.

Após explorar os argumentos, os pontos e os contrapontos que emergiram dessa atividade, é chegada a hora de adentrar os conceitos trazidos pela autora, no referido texto. Em especial, espera-se que as reflexões promovidas no âmbito do Fórum favoreçam a tomada de consciência sobre como nossas concepções de homem e de mulher fundamentam-se, de um modo ou de outro, em construções histórico-sociais que permeiam nossa visão de mundo. Eis o grande "recado" que nos é dado pela autora.

Como última etapa da reunião do Fórum Escolar de Ética e de Cidadania, sugerimos que o grupo encaminhe a elaboração de um projeto de pesquisa, com base no material utilizado durante a referida reunião, para que seja feito um levantamento sobre as percepções e/ou impressões, sobre a temática entre os diferentes segmentos da comunidade escolar e não-escolar. Destaca-se, aí, a importância de se analisar o papel da linguagem e da história transmitidas de geração a geração, e que, de alguma maneira, revelam as desigualdades subjacentes às questões de gênero enquanto relações de subordinação. Tal pesquisa, bem como a análise de seus dados, deve contribuir para denunciar hierarquias de dominação e de subjugação que naturalizam situações de exclusão.

Os encaminhamentos e as definições feitos na reunião do Fórum servirão, também, de referência para que os(as) docentes, o(a)s estudantes e a comunidade adentrem a temática do gênero.

△ Nas salas de aula:

Para ilustrar uma proposta de trabalho sobre a temática do gênero, no contexto das salas de aula, elegemos como ponto de partida uma atividade que, de alguma maneira, significa uma continuidade da atividade desenvolvida durante o Fórum Escolar de Ética e de Cidadania. Na seqüência, vislumbramos o desenvolvimento de um projeto maior, interdisciplinar, e que envolva o maior número possível de turmas, além de docentes e pessoas de diferentes segmentos da comunidade.

A seguir apresentamos a atividade, lembrando que se trata apenas de uma sugestão para que o(a)s docentes e demais profissionais da educação se inspirem e a partir dela criem outras propostas. Inicialmente, o(a) professor(a) pode distribuir a todos os alunos e alunas uma folha com o seguinte conteúdo[2]:

Uma professora pediu aos seus alunos que fizessem uma redação contando como foi seu dia. Ao corrigi-las, percebe que uma redação está sem nome. No entanto, um menino e uma menina reivindicam a autoria da mesma. Sem outra alternativa, baseando-se apenas no conteúdo, nos elementos descritos na redação, a professora deve dizer a quem ela pertence. Se você fosse a professora, a quem atribuiria a autoria da redação? Por quê? Justifique detalhadamente a sua resposta.

Meu grande dia...

Hoje foi um dia divertido. Levantei cedo, arrumei minha cama, tomei café da manhã, penteei o cabelo e fui para a escola como faço todos os dias. Chegando lá, me lembrei que não tinha feito a tarefa de Português. Era uma interpretação de texto, e disso eu não gosto muito não.

Na hora do recreio, comi o lanche que a minha mãe tinha preparado e depois fui jogar queimada com a turma e ainda sobrou tempo pra uma partidinha de peteca! Pena que não deu tempo de sentar embaixo da árvore e ficar conversando com o pessoal, como faço todos os dias.

Quando o sinal tocou, todos saíram correndo feito loucos para a sala de aula, mas eu não: minha mãe já me disse várias vezes que era perigoso correr pelo pátio e na escada, e

[2] Este texto foi criado por Kátia Cristina Quaresma e Luciane Garrido, alunas de Licenciatura da Universidade de São Paulo.

por isso fui andando devagar. Além disso, se eu corresse, eu podia cair e quebrar a minha lancheira novinha.

Depois, tive aula de Educação Física e jogando basquete levei um tombo. A classe toda riu de mim e eu fiquei com bastante vergonha, senti até vontade de chorar. A última aula foi de Matemática. Eu adoro matemática. É tão legal fazer continha! Mas eu não via a hora de chegar em casa pra poder brincar!

Assim que cheguei em casa, deixei minha mochila na sala e fui rapidinho pro meu quarto tirar o uniforme, afinal não queria sujá-lo. Depois fui lavar as minhas mãos e fiquei pensando no que mamãe tinha feito para o almoço. Logo senti o cheirinho gostoso que vinha lá da cozinha. Minha mãe cozinha muito bem e sempre se preocupa em fazer o que eu gosto e, naquele dia, ela fez macarronada... huum, que delícia!

Depois do almoço ajudei minha mãe a secar a louça e me lembrei que tinha que ligar para Aninha, pois tínhamos combinado de estudar História no fim de semana. Eu tinha tirado 4 em História e meu pai já estava muito chateado comigo. Se eu não melhorar minha nota nesta matéria, não vou ganhar uma bicicleta nova no Natal. Ainda bem que é só em História que eu estou com nota baixa, porque em Matemática e Educação Física eu estou com dez!

Depois que eu liguei para a Aninha, fui fazer passear e fazer compras no shopping com a minha mãe. Passamos a tarde toda nos divertindo: fomos ao cinema, tomamos sorvete de casquinha e compramos uma linda blusa para vovó, afinal o aniversário dela é na semana que vem.

À noite assisti à novela com a mamãe e depois ao jornal com papai. Ele diz que todos nós precisamos nos manter informados dos acontecimentos do mundo. É muito importante assistir ao jornal e estudar muito... A essa altura eu já estava com muito sono e quase dormi no sofá mesmo. Mas minha mãe me acordou e mandou eu ir escovar os dentes, porque eu sempre esquecia. Na verdade eu acho meio chato escovar os dentes. Mas, antes de dormir ainda fui arrumar meu material para o outro dia, organizei minha mochila, os meus cadernos, os livros e minha caixa de lápis de cor, pois amanhã vou ter aula de artes e eu adoro desenhar. Bom, esse foi meu dia, foi muito bom, e amanhã vou fazer tudo de novo, só que amanhã é dia de natação e não de ir ao shopping. Espero que amanhã seja um dia ainda mais legal.

Depois que todos tiverem respondido, individualmente e por escrito, o(a) professor(a) pode dividir o grupo em pequenos subgrupos para que promovam uma análise de suas próprias respostas: argumentos utilizados para justificá-las, relações estabelecidas entre as justificativas e a realidade escolar, os valores e sentimentos contidos em cada justificativa, etc.

Esse material pode fornecer bons argumentos para a tomada de consciência sobre os estereótipos determinados pela cultura e sobre suas conseqüências cotidianas, no que diz respeito às discriminações e preconceito que sofrem aqueles que agem fora dos parâmetros considerados “normais” para um determinado gênero.

Em especial, sugerimos que a discussão se detenha na realidade da escola, quando os subgrupos poderão citar e comentar situações semelhantes que ocorrem na instituição escolar e no seu entorno.

Se houver interesse e/ou participação de outros(as) docentes, a partir dessa atividade pode-se dar o primeiro impulso para o desenvolvimento de um projeto. Assim, com os dados obtidos nessa primeira aula é possível gerar trabalhos contemplando diferentes áreas do conhecimento. Por exemplo: a) em aulas de História, os estudantes podem pesquisar sobre profissões, condições de cidadania, de educação e de trabalho para homens e mulheres em diferentes momentos da história brasileira; b) em aulas de Língua Portuguesa ou Inglesa, a produção de textos e o estudo da gramática pode centrar-se em conteúdos envolvendo estigma, preconceito e sentimentos experienciados por mulheres, em decorrência de estereótipos sexistas; c) em Artes, dependendo do movimento artístico em estudo no momento de desenvolvimento do projeto, pode-se estudar como as mulheres e os homens eram representados nas produções literárias ou plásticas naquele momento, ou propor aos(as) estudantes que produzam pinturas, desenhos, poesia, música, etc, representando sentimentos de discriminação por questões de gênero, de acordo com o movimento artístico que estiverem estudando.

Convivência Democrática

Vista a minha pele

Relações étnico-raciais e de gênero

A história da integração do negro à sociedade de classes no Brasil não é nenhum mar de rosas: passa por sua condição primeira de escravo, substituído pós-libertação pelo forte contingente europeu imigrante nas lavouras de café e nas atividades urbanas, circunstância que, entre outras, subordinou-o, obrigando-o a ocupar as camadas mais baixas e desprovidas da sociedade.

Vista a minha pele é uma divertida paródia da realidade brasileira, e serve de material básico para discussão sobre racismo e preconceito em sala de aula. Nessa história invertida, os negros são a classe dominante e os brancos foram escravizados. Os países pobres são, por exemplo, Alemanha e Inglaterra, e os países ricos são, por exemplo, África do Sul e Moçambique. Maria é uma menina branca, pobre, que estuda num colégio particular, graças à bolsa de estudos que tem pelo fato de sua mãe ser faxineira da escola. A maioria de seus colegas a hostiliza por sua cor e por sua condição social, com exceção de sua amiga Luana, filha de um diplomata que, por ter morado em países pobres, possui uma visão mais abrangente da realidade.

Maria quer ser "Miss Festa Junina" da escola, mas isso requer um esforço enorme, que vai desde a predominância da supremacia racial negra (a mídia só apresenta modelos negros como sinônimo de beleza), até a resistência de seus pais, a aversão dos colegas e a dificuldade em vender os bilhetes, equivalentes a votos, para seus conhecidos, em sua maioria muito pobres. Maria tem em Luana uma forte aliada e as duas vão se envolver numa série de aventuras para alcançar seus objetivos. Vencer ou não o concurso não é o principal foco do vídeo, mas sim a disposição de Maria em enfrentar a situação. Ao final ela descobre que, quanto mais confia em si mesma, mais possibilidades tem de convencer outros de sua chance de vencer.

O vídeo *Vista a minha pele* é patrocinado pelo CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades, uma organização sem fins lucrativos, criada em 1990 com o objetivo de conjugar a produção de conhecimento e programas de intervenção na problemática das desigualdades. *Vista a minha pele* pretende colaborar com a discussão sobre discriminação no Brasil através de um produto atraente, com linguagem ágil e atores conhecidos do público-alvo – adolescentes na faixa de 12 a 16 anos.

Vista a minha pele
Vídeo ficcional-educativo

Duração: 15 minutos

Roteiro: Joel Zito Araújo & Dandara

Direção: Joel Zito Araújo

Produção Executiva: Lilian Solá Santiago

Direção de Produção: Daniel Solá Santiago

Produção: Casa de Criação.

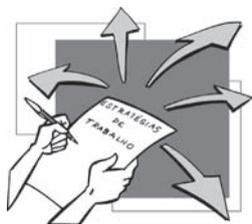
CEERT – Centro de Estudos e Relações de Trabalho e Desigualdades

Rua Duarte de Azevedo, 737 – Santana

Telefone/Fax: 6950 3684 – ceert@uol.com.br

Site: *http://www.ceert.org.br*

Site onde o filme pode ser encontrado:

www.mec.gov.br/seb

Sugestões de estratégias de trabalho

O curta-metragem *Vista a minha pele* permite que o(a) docente, envolvido com o trabalho de relações étnico-raciais e de gênero na escola, promova uma boa discussão em sala de aula sobre o tema, problematizando-o no cotidiano de alunos e de alunas.

Como sugestão de atividade para o trabalho com o vídeo, sugerimos que se promova uma dramatização *(role-playing)* que possibilite aos estudantes vivenciar situações como aquelas apresentadas no vídeo.

Assim, partindo de uma adaptação livre do roteiro original, pede-se que um grupo de estudantes recrie as situações contidas no filme, mas com o cuidado de trazê-las para experiências cotidianas da escola e/ou do bairro em que moram. Na produção, os papéis que as pessoas irão representar devem estar invertidos em relação à realidade. Meninos devem fazer o papel de meninas, meninas brancas podem representar meninas ou meninos negros, etc. Tal dinâmica, denominada *role-playing*, permite desdobramentos significativos na discussão de valores e conflitos morais, como os do tema em questão. Isso é possível porque os exercícios que são desenvolvidos no *role-playing* exigem que a pessoa assuma a posição de outros personagens em um conflito moral, trazendo para sua própria vivência os sentimentos e problemas de outras pessoas.

Após a preparação e a apresentação, que podem acontecer no mesmo dia ou na aula subseqüente, promove-se uma discussão com a turma. É importante que, para isso, a sala esteja organizada em círculo, para que as pessoas possam dialogar olhando umas para as outras.

O debate pode mesclar situações contidas no vídeo e passagens do teatro montado pelos próprios estudantes, mas deve centrar-se em conteúdos de discriminação, preconceito e estereótipos característicos das relações étnico-raciais e de gênero. Uma vez mais, como sugeridos em outros momentos do *Programa Ética e Cidadania*, se houver condições e/ou interesse dos demais membros da escola, as atividades podem ser desenvolvidas em outros espaços e tempos da escola.

Convivência Democrática

Construindo a igualdade de gênero

Relações étnico-raciais e de gênero

A seguir, apresentamos as quatro melhores redações, na categoria Estudante do Ensino Médio, vencedoras do *1º Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero*, em março de 2006. O referido prêmio foi criado em 2005 e é uma iniciativa da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres/Presidência da República, em parceria com o Ministério da Ciência e Tecnologia, com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, com o Ministério da Educação e com o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher - UNIFEM. Seus autores e autoras são estudantes de quatro estados brasileiros: Goiás, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo.

Nelas, são retratadas situações e apresentadas reflexões acerca do preconceito e da discriminação contra as mulheres, contra os homens, contra os homossexuais, contra as diferenças. Em comum, elas têm a defesa de uma sociedade que reconheça as diferenças e que as respeite.

Acreditamos que os conteúdos trazidos nessas redações podem contribuir para a promoção, no cotidiano escolar, de reflexões e ações que superem o tratamento desigual no que se refere aos gêneros, às raças, às culturas, às religiões, etc.

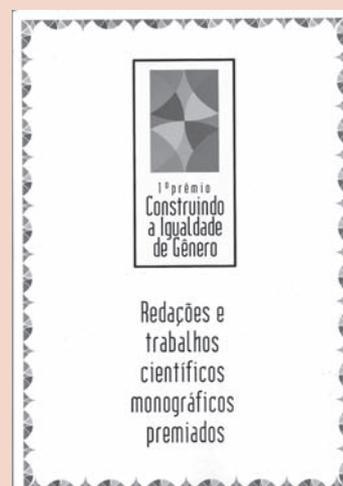
BRASIL. *1° prêmio construindo a igualdade de gênero* – redações e trabalhos científicos monográficos vencedores. Brasília: Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005, 2006. p. 14-26.

Bonito ou Bonita, Bonita ou Bonito

Filipe de Freitas Serafim - Escola Municipal de Ensino Fundamental E Médio Vereador Antônio Sampaio/SP

SER, ESTAR OU PARECER?
BONITO E BONITA.

Ser, estar ou parecer homem?

Ser, estar ou parecer mulher?

Ser, estar ou parecer gente?

Porque como dizia Caetano Veloso: “gente é pra brilhar e não para morrer de fome”.

Ser, estar ou parecer ser humano em um mundo que se desumaniza a cada instante?
Homem + Mulher = Ser Humano

Homem - Mulher = Nada, Vazio, Realidade de um povo que busca cada vez mais Parecer, esquecendo o Ser nos fracassos, nas desilusões, nas desesperanças, nos preconceitos, na marginalização social.

Mulher diferente de homem ou homem diferente de mulher?

MULHER, homem. HOMEM, mulher. MAIÚSCULOS e minúsculos seres buscando SER num mundo de PARECERES.
Qual a real diferença?

O que o homem pode ser ou fazer que a mulher não seja ou faça?

O que a mulher pode ser ou fazer que o homem não seja ou faça?

Podemos falar de faros históricos, fatos que marcaram o mundo, furos que marcaram a humanidade, fatos que marcam a desigualdade.

Tudo começou pela primeira e suposta teoria cristã: Deus criou o homem primeiro. A mulher só foi feita para satisfazer um desejo do homem ou porque o homem se sentia só e veio de uma costela. Só isso já seria a chave de muitas discussões até mesmo da existência ou não de Deus, mas acho que isso não vem ao caso aqui e agora afinal a reflexão é sobre “ser ou não ser, eis a questão” e Deus sendo ou não sendo É.

Quando falamos de Deus falamos de um ser que é homem; querendo ou não, mesmo sem saber o seu sexo, Deus sempre será tido como homem, pois o seu nome é masculino, então me pergunto: por que Deus não foi feito de uma costela?

Desde de já quero pedir perdão se esse assunto não for do seu agrado, não quero encaminhar minhas idéias para nenhum tipo de religião e não quero debater sobre a existência ou inexistência de Deus, já afirmei que ele é, só quero falar de uma coisa: “ser menino ou menina” não nega ser gente, em igualdade de gênero, de direitos, de deveres, em igualdade de “aparecer na fita” BONITO ou BONITA.

E bonita é a mulher, qualquer mulher, independente da raça, da cor, de seus cabelos lisos, crespos ou encaracolados. Bonita é a mulher, tanto faz a sua cultura, sua religião, seu livro ou seu fogão. Bonita é a mulher mesmo que pareça mais ou menos mulher, mais ou menos no sentido de “mais ou menos”, meio a meio, ou “mais ou menos”, superlativos absolutos sintéticos, mulher é mulher.

E por que não estão no poder se são tão poderosas?

Existem algumas mulheres à frente de algumas cidades ou estados, mulheres que fizeram história, mulheres que fazem o dia a dia melhor; existem, ainda, muitas mulheres que são

submissas aos seus maridos, feito escravas, diriam alguns: “porque querem”, diriam outros porque seguem algum tipo de doutrina e as fizeram querer.

Há algumas religiões nas quais a mulher não tem o direito de falar, ministrar uma palestra, ou mesmo encabeçar uma reunião. Algumas religiões falam que mulheres devem obedecer a seus maridos, que o marido é a autoridade, é ele que manda e traz o sustento da casa. Mas a realidade é clara, hoje, tanto o homem quanto a mulher exercem as mesmas funções, ambos trazem o sustento para a casa, para o corpo, para a alma, ambos são, ou deveriam ser, ALICERCES, eu disse SER ALICERCE e não PARECER ALICERCE, porque senão a casa cai.

Cada mulher, por sua vez, tem algo de especial em si, esse “algo” pode ser diferente de mulher para mulher, mas mulher é sempre mulher, bonita, e para que sejam bonitas e não apenas pareçam bonitas, precisam ser cuidadas com carinho, mesmo que digam que não precisam disso. Homens também precisam de carinho.

Cada mulher tem sua forma de atrair um homem, cada mulher tem seu charme, seu jeito de ser, seu chamego, seu modo de seduzir. Mulheres negras adoro, mulheres brancas, também. A diferença da cor, ou da pele não deixa a mulher mais ou menos bela, “mais ou menos” no sentido de “isto ou aquilo”, e como dizia Cecília Meireles “ou isto ou aquilo” não precisam, necessariamente, ser excludentes, é só uma questão de pigmentação. Ninguém é mais bonito por ser branco ou por ser negro, por ser rico ou por ser pobre, por ser gordo ou por ser magro, por ser baixo ou por ser alto e nem mesmo por ser homem ou ser mulher. Mulheres com lindos olhos, todas as mulheres têm lindos, mulheres com belos seios, todas as mulheres têm belos seios, mulheres com bumbuns gostosos, todas as mulheres têm bumbuns gostosos, mulheres com passos largos, todas as mulheres têm passos largos para poder andar ao lado e não atrás de quem vai junto, nem tão pouco à frente não precisamos PARECER melhores do que ninguém, porque mesmo na diversidade o que conta é a igualdade, SER IGUAL, “SER MENINO OU MENINA”.

Mas será que ainda hoje, ser menino ou menina acarreta diferenças salariais?

Aqui, na terrinha, o desemprego corre solto e o salário anda baixo e lento, e ser menina nesta hora “não faz bonito”, ser mulher, negra, pobre, homossexual nesta hora é quase um “pecado”, até poderíamos dizer “UM PECADO CAPITAL”.

Será que isso é só aqui no Brasil, ou será que é assim nas demais partes do planeta?

Em verdade seria “menos ruim” – “menos” no sentido de “menos” – mesmo se fosse só aqui. Em alguns lugares do mundo as mulheres ainda são impedidas de trabalhar ou de exercer alguma atividade qualquer que um homem possa ter. É triste saber que esse fato acontece, pois a mulher não nasceu para ser escrava, para ser “criada”; a mulher é criatura, mas também é “criador”. O homem também.

Algumas mulheres chegam até a trabalhar mais do que os homens, e percebam que eu nem estou falando da jornada dupla: casa e trabalho fora de casa. Algumas quando lhes perguntam: você trabalha? Respondem: não, só cuido de casa. Vamos traduzir o “cuidar de casa”; lavar, passar, limpar, arrumar, cozinhar (quando se tem o que comer e ela foi ao mercado), levar seus filhos para escola (ir à reunião para ouvir a coordenadora dizer que ela não tem tempo para seus filhos, que são oito), levá-las ao médico, ao dentista, fazer

uns bicos e certamente procurar um terapeuta para si mesma, mas se o dinheiro não der para esse luxo, serve um paliativo religioso.

Levando em consideração o Brasil, eu estaria mentido ao dizer que a mulher recebe o mesmo que um homem, ainda há mulheres que chegam a receber menos que um homem e não revelam – vejam que ainda por cima de tudo isso sentem VERGONHA. E quando seus companheiros chegam em casa elas continuam sentindo vergonha se “algo” não está bem, porque seus companheiros, HOMENS, também sentem vergonha, porque trabalharam muito e receberam pouco; porque o patrão estava de mau-humor e o humilhou na frente dos companheiros; porque o ônibus, o trem e o metro estavam cheios e ele chegou cansado, suado e sujo; porque a marmita era rala, faltava o ovo e bateu a fome, fome de “comida, diversão e arte”.

Será que são eles que deveriam sentir vergonha?

É... A mulher aqui no Brasil teve um “grande avanço”, teve sim; hoje em dia você vê a mulher trabalhando como homem, fazendo, além do “só cuido de casa”, todos os tipos de serviços pesados. Vejam só alguns exemplos que citarei a seguir.

Mulheres que trabalham no ramo de construção, pedreiras, arquitetas, mecânicas, engenheiras civis, catadoras de lixo, frentistas, distribuidoras de papéis publicitários na rua, motoristas de táxi e peruas escolares, cobradoras, fiscais, moto girl e ainda por cima ouvem com uma certa freqüência alguns adjetivos “carinhosos” como: “sapatão”, “gostosona”, “vai trabalhar dona Maria”. Mas... São MULHERES, BELAS e CONQUISTADORAS, buscando seu espaço numa sociedade competitiva e capitalista.

As mulheres hoje estão assumindo o direito e o dever de ensinar e aprender. Voltando ao passado, há mais de 300 anos atrás, onde elas não tinham nem sequer o direito de saber ler e escrever, e, no entanto, hoje, são elas, professoras, em sua grande maioria, que “ao menos” tentam, “ao menos” no sentido de tentativa mesmo, ensinar a homens e mulheres a importância do ato de ler.

As mulheres hoje são até “autoridades”, desde políticas até policiais. Os homens também, embora de política tenhamos passado à politicagem e de policiais à... É melhor deixar esse assunto para um outro momento.

Vamos falar da MULHER, elas podem ser presidentes (será que existe a palavra presidenta?), senadoras, deputadas, governadoras, prefeitas, vereadoras, subprefeitas, presidentes (as) da associação de moradores, da associação de pais e mestres. Elas podem ser juízas, advogadas, promotoras, juradas, seguranças e personal training. Existem mulheres que são inclusive instrutoras de artes marciais e, ao que me parece, rodas e todos hoje em dia deveriam fazer um curso com elas. Tem mulheres que praticam até “vale tudo”, há nas academia mulheres musculosas, mulheres que não são homens, entre SER e PARECER há muitas diferenças, mesmo nas igualdades. Mulheres que carregam dentro de si um “espírito guerreiro”, ainda que, em nome da PAZ, ainda que freqüentando as delegacias das mulheres para dar queixa de estupros, espancamentos e toda sorte de violência.

Mas, infelizmente, “ser menino ou menina” não nos livra da violência.

Mulher, diferente do que e de quem?

Homem diferente do que e de quem?

Diferença salarial, preconceitos em geral, sociedade patriarcal?

Qual é a diferença afinal, entre ser homem, ser mulher, ser normal ou anormal?

Há diferença?

Talvez, biologicamente falando, possamos encontrar um pouco mais de testosterona aqui e um pouco mais de estradíol ali, um ovário cá e testículos acolá e uma ânima e um ânimus que podem ser menino ou menina à vontade, que se formam socialmente para aplacar o fato do órgão reprodutor masculino ser externo e o feminino ser interno. Podemos dizer que a diferença de tratamento entre gêneros começa desde a criação. O homem foi criado primeiro.

Por quê?

Só Deus sabe.

E olha lá!

Com a criação veio a tal chamada humanidade, Adão e Eva no paraíso, Caim e Abel no purgatório, mas isso é coisa da bíblia. E nós aqui neste país temos que rezar em outra cartilha.

Podemos dizer que o tratamento desigual, no que se refere aos gêneros, começa desde essas supostas questões que são trazidas até nós por séculos e séculos, mas quem nos garante que essas histórias são verdadeiras?

Será que foi mesmo a Eva sugeriu que o Adão comesse a maçã? Não poderia ter sido o contrário? O que terá feito, de fato, Abel para despertar tal fúria em Caim a ponto de matá-lo?

Pré-conceitos. Preconceitos.

Será que Adão e Eva são mesmo do paraíso ou será que homens são de Marte e mulheres são de Vênus?

Ou homens são de Vênus e mulheres são de Marte?

Será que a gente nasce homem ou mulher? Ou será que nos constituímos homem ou mulher?

Por que será que não nascemos uma minhoca? Na próxima vida eu quero ser uma minhoca.

Por quê?

Parece-me mais fácil apontar as diferenças e as igualdades da minhoca com qualquer outra coisa, do que as diferenças e igualdades entre os sexos.

Em verdade só há diferenças entre SER HOMEM e SER MULHER no PARECER que vai dentro a cabeça de rodo e qualquer SER HUMANO. Simples, né?

Pois bem, diferenças a parte, devemos respeitar todas as culturas, todas as religiões, todos os sexos, afinal "qualquer maneira de amar vale a pena "como diz Milton Nascimento e" tudo vale a pena se a alma não é pequena "como diria Fernando Pessoa e nós, meros mortais, assim como a minhoca, ainda temos que aprender a respeitar as diferenças na igualdade.

Mulheres não são de todo más, nem de todo boas. Homens também.

Mulheres quanto mais, melhor. Mulheres são especiais, lindas, diferentes e iguais, assim como todas as maçãs, como todos os homens, como todas as minhocas.

Maçãs pequenas e maçãs grandes, verdes ou vermelhas (com ou sem o bichinho da maçã, que por sinal parece uma minhoca), mas todas saborosas.

Mulheres, elas entendem o que é ser mãe, entendem o que é sofrer, conseguem suporta a dor e também conseguem ser feliz e muitas vezes têm que entender também o que é ser pai.

Homens também.

Enfim, como diz o Pepeu, "ser um homem feminino, não nega o meu lado masculino... Deus é menino e menina... Sou masculino feminino".

BONITO e BONITA ou se preferirem BONITA e BONITO.

Direito à Diferença

Jonas Azevedo Araújo - Colégio da Polícia Militar de Goiás/GO

Uma considerável parte da população costuma associar a figura de homossexuais a personalidades frustradas, imorais ou até mesmo doentes, enquanto outra parte julga-os como pessoas normais, com o livre arbítrio para fazerem suas próprias escolhas. sem que para isso sejam excluídos socialmente.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a homossexualidade não apresenta características de uma doença, nem necessita de tratamentos longos e complexos como alguns pensam. No Brasil vigora uma lei, pouco conhecida, que proíbe o uso da expressão "homossexualismo". Essa regra social foi criada baseada na idéia de que o sufixo "ismo" é próprio e quer designar doença, constituindo, assim, uma forma de pensamento antiquada e preconceituosa.

Mesmo com o elevado grau evolutivo em que se encontra o mundo, ainda hoje existem pessoas ignorantes e homofóbicas (que têm fobia a homossexuais), grupos de extermínio

gay, como os skinheads e até mesmo médicos que não concordam com a posição tomada pela OMS. O que explica o surgimento de várias teorias para tentar evidenciar a origem da afinidade pelo sexo semelhante.

Alguns especialistas afirmam que essa característica é de cunho genérico, outros dizem que o agente causador é o carinho passado dos pais para o feto sem saber qual seu sexo, e ainda há quem trate a homoafinidade como um distúrbio psicológico.

Em controvérsia à camada popular da sociedade que tende a se opor e até ridicularizar o comportamento homossexual, principalmente com o uso de apelidos maldosos e constrangedores, existe uma outra camada que tende a enaltecê-los, usando como referência o alto grau intelectual que a maioria é portadora e que lhe apresentam grande respeito, como a apresentadora de televisão e ex-modelo Adriane Galisteu, que sempre reservou, em seus programas um amplo espaço a esses indivíduos.

Soma-se como ponto positivo, o importante papel que a mídia vem desempenhando com a produção de filmes e novelas que apresentem relacionamentos amorosos entre homossexuais (como na novela "América"); e também com a promoção de programas que questionem· e abordem a homossexualidade de forma correta, ou seja, como uma opção sexual semelhante às outras, preparando o público telespectador para possíveis relacionamentos amistosos entre, "homos" e heterossexuais.

Esse processo de intervenção da mídia em favor da homossexualidade intensificou-se após a participação de Jean Wyllys (Professor universitário) no reality show Big Brother Brasil-5, pois a convivência entre pessoas com orientações sexuais diferentes saiu do script de gravação da trama, "invadiu" a realidade e passou a fazer parte do cotidiano de milhões de brasileiros, trazendo de alguma forma, intriga e discussão para lares em que seus integrantes não estavam preparados para compreender esse "estilo de vida". A idéia de mais um passo dado para aqueles que lutam pela igualdade de gênero é algo comum a todos os homossexuais: melhoria no mercado de trabalho e o reconhecimento de suas qualidades profissionais, rompendo uma discriminação, que mesmo com a instituição de leis que proíbem-na, existia.

Apesar dessa importante conquista, verifica-se ainda a necessidade da homossexualidade ser encarada por todos como algo normal e também que estereótipos, como a idéia de que a AIDS é uma doença de gays, sejam quebrados, fazendo com quem as pessoas passem a aceitar o "diferente".

Pequenos apelos pela igualdade de gênero e pela conscientização são insuficientes para modificar o que a mais de uma geração vem sendo tentado dia após dia sem obter grande sucesso, mas é importante ressaltar a necessidade de que cada um posicione-se no lugar de um homossexual, por exemplo, e passe a sentir na pele as marcas da discriminação.

Somente assim as delimitações que dividem a sociedade serão abolidas, as pessoas reconhecidas pelo que elas realmente são e respeitadas independentemente das escolhas que fizerem. Um enorme erro cometido pela sociedade é a exclusão dos sentimentos dos homossexuais sem notarem os próprios preconceitos a que são submetidos.

A Guerra dos Sexos

Juliana Alves Queiroz - Escola Técnica Estadual Juscelino Kubitscheck/RJ

Desde o início dos tempos as mulheres nunca tiveram suas opiniões consideradas pelos homens que se julgam incrivelmente mais fortes, emocionalmente maduros e frios o suficiente para tomar as decisões mais duras, ou simplesmente se consideram o máximo. As moças, desde bebês, já tinham plantadas em suas mentes que uma boa moça, e futuramente boa mulher, nunca poderia contestar a ordem de seu tão honorável e querido pai e muito menos, do Sr. seu marido; que moça que sabia demais não casava (por isso a maior parte das mocinhas eram analfabetas); que tinham que ser prendadas (aprendiam simplesmente algo como bordar, tocar piano e outros desses afazeres domésticos, extremamente entediantes) logo, assim, passavam suas vidas num estado deplorável de tão medíocre, no qual ser fútil, ignorante, submissa e sem personalidade era a descrição da mulher ideal.

Com o passar do tempo – bota tempo nisso – as mulheres foram cansando dessa ladainha inútil e se rebelaram com toda razão contra esses costumes tão retrógrados; não que não devam respeitar os seus pais, muito pelo contrário, devem respeitar e amar muito, mas sempre deixando bem claro que são seres pensantes, têm opinião própria, um cérebro astuto e acima de tudo um coração pulsante e muito peito pra enfrentar qualquer obstáculo que venha a aparecer nos seus caminhos.

Confesso que acho muita graça quando ainda vejo exemplos de homens – se é que posso chamá-los assim, pois mais parecem "neanderthais" – que ainda ousam chamar as mulheres de "sexo frágil", isso porque com certeza nunca tiveram e nem terão - pelo menos tão cedo – a chance de carregar em seus ventres uma criaturinha que as fará engordar uns 20 quilos, as deixará inchada e parecendo um barril, mais do que sensíveis, enjoadas, com constantes mudanças de humor e com o desejo de comer as coisas mais estranhas possíveis, e um tanto deprimidas por não entrarem mais, por pelo menos um ano, na sua calça jeans preferida, tudo isso durante nove meses, fora a dor alucinante do parto - exceto a cesariana que só se sente dor na recuperação. E ao receber aquela pequena coisinha em seus braços com lágrimas nos olhos, mesmo sabendo que nunca mais terão um minuto de sossego, dizem as palavras mais sinceras de afeto enquanto estão com as pernas abertas para uma equipe de médicos que as vêem sangrando, suadas e com caras de maluca por estarem totalmente despenteadas e os seus maridos, nesse momento tão fatídico, desmaiaram ao verem o bebê, ou simplesmente acham que fizeram muita coisa por segurarem suas mãos na hora em que berram como loucas, para tirarem logo de seus corpos o que eles colocaram lá dentro com tanta alegria e facilidade.

As mulheres sofrem mais ainda com as pressões estéticas de uma sociedade mais do que cruel, na qual se você não tiver cabelos lisos e, um corpo esquálido está fora dos padrões de beleza. Pergunto-me e as gordinhas? Os cabelos "duros"? E tantos outros tipos que são muito belos, mas completamente descartados por não fazerem parte do mundo das "top models"; quantas fêmeas não sofrem com dietas absurdas e "chapinhas" para se enquadrarem no conceito vigente de bonitas para seus namorados, maridos e afins, enquanto eles podem se dar ao luxo de tomar o quanto de cerveja quiserem e contrair aquela pança invejável por um hipopótamo, pois todos os amigos estão ficando do mesmo jeito.

O pior de tudo é quando essas mesmas mulheres se casam, pois simplesmente o “sonho” vira “pesadelo”, aquele cara que era gentil e as chamavam pelo nome, tinha consideração e sempre se apresentava arrumado, cheiroso e limpinho (ou pelo menos passava perto disso), hoje é o marido, ou melhor, o porco, que está vestido com a camisa do time de coração – dois números menor, pois ele engordou mais ainda passando do estágio hipopótamo para baleia – prostrado no sofá da sala que ela acabara de limpar, rodeado de garrafas de cerveja e salgadinhos estranhos que deixaram farelo por toda roupa, com aquele short de mil anos atrás, quando ele ainda era atleta, que hoje só tapa metade das nádegas deixando o “cofrinho” (no caso, a casa da moeda) pro lado de fora; depois dessa cena o crápula ainda tem a cara de pau de as berrarem da sala”: - Ô, nem traz mais uma lourinha gelada pro seu maridinho querido... (o pior é que elas vão).

E só pra fechar com chave de ouro, a parte mais depressiva da história é quando elas se arrumaram totalmente para uma noite romântica e ele chega com aquele pé fedido e com frieira para cortar as unhas na cama que você perfumou tanto. Nós, meninas, por tudo que é mais sagrado, temos que ACORDAR! Quem são eles para nos exigirem um corpo magro e cabelos lisos, ou dizerem que não podemos beber e arrotar que nem eles porque mulher arrotando é feio (pelo amor de Deus não saiam arrotando por aí por ser falta de higiene, mas só por isso!). Vamos fazer o que tivermos vontade contanto que não ultrapassemos os limites do respeito e do amor próprio e alheio,

Não tenhamos medo de sonhar, lutemos pelos nossos desejos, pensemos que o único obstáculo impossível de ser vencido é a morte e que, enquanto vivas, devemos aproveitar e sermos felizes. Arriscar, gritar, dançar, pular, sorrir, cantar, simplesmente transmitir para o mundo o sentimento de vida, pois não precisamos ser iguais aos homens, pelo simples fato de sermos imensamente melhores do que eles.

Terezas - Mulher

Juliana Melcop de Castro Schor - Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco/PE

Com o árido olhar do sol sobre sua nuca, Tereza anda. A terra gretada, como a sola dos seus pés, machuca a palma, suga até seu suor, apreende suas vontades, só deixa solta sua fé. A cada dia passado, mais rachaduras estampam sua face, exatamente como mais fendas se abrem no chão – prova contumaz, contudo inane, do produto do meio que se faz o ser.

No sertão, entre porcos cabras burros ossadas, a mulher sempre viveu. Sempre apanhou água nas cacimbas, sempre vomitou tristezas junto às rezas nas procissões, sempre ressecou no aguardo dos caixões brancos. Tereza negra, Tereza pobre, Tereza escrava da condição humana – Tereza mulher. Não precisa de espelhos, basta olhar o chão para se ver, rasgada e sem lágrimas. Tereza se esvai crua, na espera que acode a todos os homens: a da morte.

Nada sabe Tereza sobre o que ocorre no mundo; a vida da mulher se estreita nos barris de água, no bucho vazio dos meninos, na fome insana do gado. Tereza não percebe sua sina, uma sina não determinada pelo destino – único deus dos sertanejos –, mas sim

pelo capital. Qual a referência que Tereza mulher tem do caos da cidade, da luta dos sindicatos, do desejo oprimido e silencioso das mulheres?

Sabe apenas do emprego perdido do marido, da morte do irmão na cidade, das jóias em preto-e-branco das atrizes das novelas. Experimenta do amargo fel da vida qual quem se banha em leite de rosas; com todos os seus pesares, ainda proclama felicidade, pois é sobrevivente da fértil terra mal aproveitada de um Brasil sem identidade em cartório. Sofre preconceitos horrendos, mesmo sem conhecimento deles; não por sua cor, causticada, nem por seu credo, forte, ou por seu destino, mulher. Discriminada pelo ser social: pobre. A duras penas, tece o laço que fecha mais um ciclo no solo semi-árido e embala mais uma negrinha subnutrida no seu seio seco.

Nos caminhos das Terezas, pedras pedras pedras pedras pedras pedras pó. De quando em quando, um político malevolente com suas túnicas de Cícero se aproxima e oferece água, promessas de oásis e escolas. Além dos passantes de ONGs que se quedam em tentar providenciar comida – maravilhoso. Tentaria Tereza, se conseguisse, avisar que urge mais; não querem esmolas, grandes ou pequenas, querem dignidade e uma casa acima da linha de miséria.

Na cidade grande, rostos felizes se cruzam nos postos de entrega de alimentos não perecíveis. Um grande feito, acreditam todos estar fazendo. E passa-se um ano, mais um, dois, três. Exatamente como sempre, mais comida, menos, nunca o suficiente. Porque simples é mais que feijão e farinha: é sabedoria e dignidade, é luta e postura, sonho e realização. É mais do que podemos nos desfazer.

Implora a situação a deposição do narcisismo manchado que ainda nos sucumbe – déspota oco. As nossas batalhas tentaram se beijar e se afogaram; ressurgindo em flor – flor em redoma invisível, inatingível e aposentada. Individualismo ferrenho, do qual não queremos nos distanciar.

Já se tentou acabar com o sistema que nos destrói e invalida, torna-nos coisas meras e sem opinião. Entretanto, sempre há brechas nas leis e éticas criadas para serem difratadas: bloqueios continentais e publicidade suja se conseguem em qualquer esquina, ao aparecimento de um temido ou convidativo poder bélico ou imoral. Afinal, é inerente ao ser humano o medo e o instinto – acima de tudo, somos atávicos.

O que falta em nossas mentes não é um esconderijo para o preconceito que se transparece; é uma eliminação rigorosa dos nossos vícios cheios de meandros que motivam a discriminação. Há muito que o gênero deixou de ser uma incompatibilidade social. Hoje em dia, incompatíveis são o apego à materialidade e a invalidez da força frente à "coisificação". Porque nós, humanos, perdemos faz· tempo nosso norte em relação ao abominável.

As Terezas e os Josés aguardam, encostados às costelas das casas, uma mudança. Talvez se achem pouco para realizá-Ia; crêem que nada sabem, nada possuem, nada podem. E, não mais incertezas, pois têm-se como seguro: são os nobres patrícios das megalópoles que contribuíram para o desalento dos menos favorecidos – batendo, no velho clichê – através de sua ganância desmedida e sua cegueira inumana – não é des- porque só seria se algum dia houvesse sido humana. Como nunca o foi, reservo-me ao i-.

Engraçado observar os comportamentos históricos que nos moldam, sem dó ou piedade – até mesmo porque não as temos com outros. Modeláveis ao extremo e narcisistas com orgulho, nascemos nada e morremos, pior, coisa. Sem dó ou piedade.

Parece-me, sinceramente, que está na hora de voltar às revoltas. Enfim, gostávamos dos sutiãs queimando em praça pública, da glória dos cabelos recortados e do desfilar triunfante das sainhas encurtadas. Renovação: seria esta a palavra-chave?

Fomenta o espírito do novo e da labuta urgente; despensa os sentimentos oclusos que sublimam a alma empedrada; esculpe; a cinzel e torno; o amanhã perfulgente. Transforma os ideais. Faz-se mister o sentimento de classe, que todos somos um – um auxilio fundamental.

Façamos a revolução, antes que ninguém a faça. E antes que seja tarde demais.

***

Tereza se aperta, se encolhe, com o frio da noite sertaneja. Maltrapilha, foge para os fundos da casa, onde pensa haver algum fiapo de pano com o qual possa cobrir-se. Encara o céu, sem novidades, aquele céu que eternamente é seu teto e confidente – a ele são dirigidas todas as preces e promessas -, vê luzir ao longe um vaga-lume... Comove-se sem nem saber o que quer dizer a palavra, muito menos sem saber por quê a sentia. Um frio na barriga de ar, a dor na coluna torta com o peso costumeiro das bacias, um tremelique sem sentido e os sensos perdidos,

Pela manhã, Tereza encontrar-se-ia deitada, abraçada a pedras e com últimos suspiros saídos da boca.